ERVAS MEDICINAIS E AROMÁTICAS: EXPERIÊNCIAS COM A NATUREZA NO MATERNAL

Iris Alves Correa [1]
Raquel Alves Sobrinho [2]
Isabel Ferreira Freitas [3]

RESUMO

As práticas pedagógicas desenvolvidas no CApTV estão alinhadas com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/1996), com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI nº 13.146/2015), com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), documentos que orientam uma educação voltada para o desenvolvimento integral da criança, tendo como eixos estruturantes as brincadeiras e as interações. Nesse contexto, o presente trabalho apresenta uma experiência pedagógica realizada com crianças do Maternal 1, com foco na exploração de ervas medicinais e aromáticas e no contato com a natureza no cotidiano escolar. O objetivo foi ampliar as experiências sensoriais e investigativas das crianças por meio da observação, exploração e cuidado com elementos naturais. A metodologia caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir de passeios investigativos em diferentes espaços do CApTV e do Campus A. C. Simões, inspirados na perspectiva de "desemparedar a infância", conceito difundido por Léa Tiriba. Durante esses momentos, as crianças exploraram a paisagem, observaram seres vivos e não vivos e coletaram elementos da natureza, como gravetos, sementes e plantas aromáticas. Os resultados evidenciam o interesse das crianças pelas experiências ao ar livre, favorecendo a curiosidade, a interação e a construção de aprendizagens significativas por meio do contato com a natureza.

Palavras-chave: Educação Infantil, Natureza, Ervas medicinais, Experiências sensoriais, Primeira infância.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem nas interações e na brincadeira os eixos estruturantes de suas práticas pedagógicas, conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Nessa perspectiva, a criança é compreendida como sujeito histórico e de direitos que, nas relações que estabelece com os outros e com o mundo, constrói sua identidade, brinca, imagina, observa, experimenta, narra e questiona, produzindo sentidos sobre a natureza e a sociedade.

[1] Professora do município de Maceió-AL, Mestranda do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) . iris.alves@cedu.ufal.br.
[2] Professora Doutora do Centro de Educação, lotada no Colégio de Aplicação Telma Vitória da Universidade Federal de Alagoas, raquel.sobrinho@cedu.ufal.br.
[3] Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do município de Maceió-AL, isabel.freitas@cedu.ufal.br.

Apesar desse horizonte normativo, o cotidiano de muitas instituições de Educação Infantil ainda é marcado pela permanência prolongada das crianças em espaços fechados, organizados em torno de atividades dirigidas e de materiais estruturados. Tiriba (2010) denomina esse movimento de emparedamento das crianças, isto é, o confinamento de seus corpos em salas de aula, em detrimento do contato cotidiano com a terra, a água, as plantas, os animais e demais elementos naturais. Em contraposição, Barros (2018) defende o desemparedamento da infância, entendido como o compromisso de a escola abrir-se para os espaços externos e fazer deles territórios legítimos de aprendizagem.

É nesse cenário que se inscreve a experiência aqui relatada. Trata-se de uma prática desenvolvida com uma turma do Maternal 1 no Colégio de Aplicação Telma Vitória (CApTV), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), instituição cujas práticas pedagógicas dialogam com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), com a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), com a BNCC e com as DCNEI. As ervas medicinais e aromáticas, por seus cheiros, texturas, formas e cores, e por carregarem saberes populares transmitidos entre gerações, mostraram-se um elemento potente para aproximar crianças bem pequenas da natureza por meio de todos os sentidos.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é relatar e analisar uma experiência pedagógica de exploração de ervas medicinais e aromáticas e de contato com a natureza no cotidiano do Maternal 1. Constituem objetivos específicos: descrever os passeios investigativos realizados em diferentes espaços do CApTV e do Campus A. C. Simões; identificar as formas como as crianças observaram, exploraram e coletaram elementos naturais; e discutir as contribuições dessas vivências para a curiosidade, a interação e a construção de aprendizagens significativas na primeira infância.

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, inspirado na perspectiva do desemparedamento da infância. Os resultados indicam o interesse das crianças pelas experiências ao ar livre e a ampliação de suas possibilidades de investigação sensorial. O texto está organizado em cinco partes: após esta introdução, apresentam-se o referencial teórico e a metodologia, seguidos dos resultados e da discussão e, por fim, das considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Crianças, natureza e desemparedamento da infância

A preocupação com a relação entre crianças e natureza tem ganhado espaço no debate educacional brasileiro. Para Tiriba (2010; 2018), o afastamento das crianças dos elementos naturais nas escolas está associado a uma lógica que separa corpo e mente, natureza e cultura,

e que valoriza o trabalho intelectual realizado na imobilidade em detrimento da experiência corporal. Em sentido contrário, a autora propõe pedagogias que reconheçam a natureza como parte da vida humana e o contato com ela como necessidade das crianças, ligada à saúde, ao movimento, à alegria e à construção do conhecimento.

Na mesma direção, Barros (2018) sustenta que desemparedar a infância é possibilitar que a escola ofereça às crianças experiências regulares em pátios, jardins, hortas e demais áreas externas, de modo que a vivência ao ar livre integre o planejamento pedagógico e não seja reservada apenas a momentos de recreação. Louv (2016), por sua vez, popularizou a expressão "transtorno do déficit de natureza" para chamar a atenção para os efeitos do distanciamento entre crianças e ambientes naturais, ainda que não se trate de um diagnóstico clínico. Em conjunto, esses autores convergem na defesa de que o contato com a natureza não é complemento, mas dimensão do desenvolvimento integral.

Experiências sensoriais, interações e aprendizagens

Na primeira infância, o conhecimento do mundo se faz pelo corpo. As crianças bem pequenas olham, tocam, cheiram, provam, escutam e se deslocam para compreender o que as cerca. Horn (2004) destaca que a organização dos espaços na Educação Infantil deve favorecer a experiência sensorial, com cores, sons, aromas e texturas que convidem à exploração. Oliveira (2002) reforça que a criança aprende agindo sobre os objetos e em interação com outras crianças e adultos.

Nessa perspectiva, a teoria histórico-cultural de Vygotsky (2007) oferece uma chave de leitura relevante: a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem em situações de interação, nas quais a linguagem e a mediação do outro ampliam o que a criança consegue fazer e compreender. Em um passeio investigativo, por exemplo, ao nomear o que a criança observa, ao perguntar e ao compartilhar descobertas, o adulto atua como mediador, sem retirar da criança o protagonismo da exploração.

A BNCC reconhece essa dimensão ao organizar o currículo em campos de experiência. O campo "Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações" prevê, para as crianças bem pequenas, objetivos como observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais e compartilhar situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela (Brasil, 2017). Também os campos "Corpo, gestos e movimentos" e "Traços, sons, cores e formas" dialogam com experiências que mobilizam o corpo em deslocamento e a percepção sensorial.

A brincadeira ocupa lugar central nesse processo. Ao explorar elementos naturais, a criança brinca de transportar, empilhar, esconder, comparar e inventar usos para o que encontra, e é nessas ações que investiga o mundo e elabora hipóteses. As DCNEI (Brasil, 2009) orientam que as propostas curriculares garantam experiências que promovam o conhecimento da criança em relação ao ambiente e a sua interação com a natureza, o que confere legitimidade pedagógica a práticas que levam a turma para além dos muros da sala.

Ervas medicinais e aromáticas como elementos educativos

As plantas medicinais e aromáticas integram os saberes populares e os cotidianos de muitas famílias, presentes em quintais, chás, temperos e cuidados com a saúde. Levá-las para o cotidiano da Educação Infantil significa reconhecer esses saberes e valorizar a cultura das comunidades, em consonância com a ideia de Freire (1996) de que a prática educativa deve respeitar os saberes com os quais os educandos chegam à escola. Do ponto de vista sensorial, seus aromas, texturas e cores convidam a criança a tocar, amassar, cheirar e comparar, favorecendo a atenção e a curiosidade.

Essas experiências exigem, contudo, planejamento e cuidado. A escolha das espécies, a atenção a possíveis alergias e à toxicidade de algumas plantas e a presença constante do adulto são condições para que a exploração ocorra com segurança. Além disso, em uma instituição orientada pela Lei Brasileira de Inclusão (BrasiL, 2015), vivências que mobilizam diferentes sentidos ampliam as possibilidades de participação de crianças com características e modos de interagir diversos.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com o universo dos significados, das ações e das relações humanas, o que a torna adequada para compreender uma experiência pedagógica no cotidiano escolar, em que importam mais os sentidos produzidos pelos sujeitos do que a quantificação de resultados.

A experiência foi desenvolvida no Colégio de Aplicação Telma Vitória (CApTV), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió-AL, com uma turma do Maternal 1 composta por 14 crianças, com faixa etária de dois a três anos, durante o primeiro semestre de 2026. As ações foram conduzidas pela professora responsável pela turma, com o apoio de educadoras de apoio.

O percurso baseou-se em passeios investigativos realizados em diferentes espaços do CApTV e do Campus A. C. Simões, inspirados na perspectiva de desemparedar a infância

(TIRIBA, 2010). Nesses passeios, as crianças foram convidadas a explorar a paisagem, a observar seres vivos e não vivos e a coletar elementos da natureza, como gravetos, sementes e plantas aromáticas. Os passeios aconteciam uma vez por semana.

Os registros da experiência foram feitos por meio de fotografias, produções e falas das crianças. A análise é descritiva e interpretativa e organiza os achados em categorias que emergiram da própria prática, dialogando com o referencial teórico apresentado.

Quanto aos aspectos éticos, trata-se de relato de uma prática pedagógica desenvolvida no cotidiano escolar, sem identificação das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da experiência permitiu organizar os achados em cinco categorias, apresentadas a seguir: a exploração da paisagem; a observação de seres vivos e não vivos; a coleta de elementos naturais; as ervas aromáticas e as experiências sensoriais; e a curiosidade e as interações entre as crianças.

A exploração da paisagem: do espaço conhecido ao território ampliado

Os passeios por diferentes espaços do CApTV e do Campus A. C. Simões ampliaram o território de vivência das crianças para além da sala de referência. Ao percorrer áreas externas, as crianças depararam-se com árvores, sombras, texturas do chão, sons e cheiros que não estão presentes no espaço interno. Esse movimento aproxima-se do que Barros (2018) propõe ao tratar os ambientes externos como parte integrante do projeto educativo, e não como cenário ocasional.

Observou-se interesse das crianças em deslocar-se, apontar, tocar e parar diante do que lhes chamava atenção. Do ponto de vista de Tiriba (2010), a possibilidade de movimentar-se livremente em ambientes abertos atende a uma necessidade do corpo infantil, geralmente restringida pelo tempo prolongado em espaços fechados. Nesse sentido, o passeio investigativo é ao mesmo tempo um momento de movimento, de descoberta e de socialização.

A observação de seres vivos e não vivos

Durante os passeios, as crianças observaram seres vivos, como plantas e pequenos animais, e elementos não vivos, como pedras, terra e gravetos. Mesmo sem categorizações formais, essa observação favorece a percepção de diferenças e semelhanças, de modo coerente com os objetivos da BNCC para o campo de experiência “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2017).

A mediação das educadoras foi decisiva nesse processo. Ao nomear o que era visto, formular perguntas e acolher as descobertas das crianças, as educadoras criaram oportunidades

de ampliação da linguagem e da atenção, o que se alinha à compreensão vygotskiana de que a aprendizagem se constitui nas interações (VYGOTSKY, 2007).

A coleta de elementos naturais

A coleta de gravetos, sementes e plantas aromáticas foi um dos momentos de maior envolvimento das crianças. Escolher, apanhar, carregar e guardar os elementos reunidos são ações que colocam a criança como sujeito ativo da experiência, e não como espectadora. Além disso, os materiais naturais são abertos a diferentes usos: podem ser comparados, agrupados, transportados e incorporados às brincadeiras, o que favorece a imaginação e a autonomia, valorizadas pelas DCNEI (Brasil, 2009).

A coleta também abre espaço para a educação do cuidado. Ao retirar apenas o necessário, ao manusear com delicadeza a folha ou a semente, a criança experimenta uma relação de respeito com o ambiente, o que pode ser compreendido como um primeiro passo na construção de uma sensibilidade ecológica, em sintonia com as pedagogias propostas por Tiriba (2018).

As ervas aromáticas e as experiências sensoriais

As plantas aromáticas tiveram destaque nos passeios por convidarem a uma exploração multissensorial. As crianças levaram para o "cantinho verde" da sala diversas ervas aromáticas, como alecrim, arruda, manjericão, hortelã, coentro, cebolinha, camomila, orégano e capim-limão. Ao tocar as folhas, esfregá-las e sentir seu cheiro, as crianças puderam comparar sensações e reagir de maneiras diversas, algumas aproximando-se com entusiasmo e outras observando a distância, o que revela ritmos e modos próprios de explorar.

Essa diversidade de respostas reforça a importância de oferecer experiências que mobilizem diferentes sentidos, como defende Horn (2004) ao discutir a organização de ambientes que valorizem aromas, texturas e cores. Também reforça o argumento de que propostas sensoriais ampliam as possibilidades de participação de todas as crianças, em consonância com os princípios inclusivos da Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015). O cuidado com a segurança, por sua vez, esteve presente na escolha das plantas e no acompanhamento do adulto, uma vez que a exploração sensorial de espécies vegetais exige atenção a alergias e à toxicidade.

Além do aspecto sensorial, as ervas medicinais abrem caminho para o diálogo com os saberes das famílias e das comunidades, que podem ser convidadas a compartilhar usos e memórias ligados às plantas, aproximando a escola da cultura local, na linha do que defende Freire (1996) sobre o respeito aos saberes dos educandos.

Cabe destacar ainda o papel do planejamento docente. Embora os passeios tenham caráter investigativo e deixem espaço para o imprevisto, eles pressupõem intencionalidade: a definição dos percursos, a seleção do que será oferecido à exploração, a organização do tempo e a atenção às necessidades de cada criança. Nesse sentido, o desemparedamento não significa ausência de proposta, mas um planejamento flexível, que acolhe o interesse das crianças e o transforma em ponto de partida para novas experiências, como a organização dos materiais coletados e a retomada das descobertas em roda de conversa. Após os passeios, as crianças traziam em suas cestinhas memórias e afetos das experiências vividas fora do espaço de referência. Ao chegar, realizavam-se rodas de conversa em que todas compartilhavam o que haviam vivido e, ao final, decidiam se levariam a cestinha para casa ou se a deixariam no espaço, compondo um painel do que havia sido colhido no dia. Construiu-se, ainda, um folhário com cada folha encontrada pelas crianças.

Curiosidade, interação e aprendizagens significativas

De modo geral, os resultados evidenciam o interesse das crianças pelas experiências ao ar livre. Esse interesse manifestou-se na disposição para explorar, na curiosidade diante de elementos desconhecidos e na interação com colegas e adultos durante os passeios. Ao compartilhar achados, apontar, mostrar o que coletou e observar o que o outro encontrou, a criança participa de uma experiência coletiva de produção de sentidos.

Entende-se que as aprendizagens construídas são significativas porque partem de situações vividas com o corpo, ligadas à curiosidade das próprias crianças e mediadas por adultos atentos, e não de conteúdos transmitidos de forma descontextualizada. Convém, contudo, reconhecer os limites deste relato: por tratar-se de uma experiência situada em um contexto específico, seus resultados não são generalizáveis, mas podem inspirar outras práticas e ser aprofundados em pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho relatou uma experiência pedagógica com crianças do Maternal 1, centrada na exploração de ervas medicinais e aromáticas e no contato com a natureza por meio de passeios investigativos pelo CApTV e pelo Campus A. C. Simões. A experiência alcançou o objetivo de ampliar as vivências sensoriais e investigativas das crianças, que exploraram a paisagem, observaram seres vivos e não vivos e coletaram elementos naturais, demonstrando interesse e curiosidade.

Os achados indicam que o desemparedamento da infância é possível e profícuo mesmo com crianças bem pequenas, desde que haja planejamento, intencionalidade pedagógica,

cuidado com a segurança e mediação sensível dos adultos. A natureza, nesse sentido, deixa de ser tema ocasional e passa a constituir espaço e fonte de aprendizagem, em coerência com a concepção de criança e de currículo presente nas DCNEI e na BNCC.

Como desdobramentos, sugere-se a continuidade dessas vivências no cotidiano da instituição, com o cuidado de canteiros e plantas, o diálogo com as famílias sobre os usos das ervas e a ampliação de pesquisas que investiguem, com diferentes metodologias, os efeitos do contato sistemático com a natureza no desenvolvimento de crianças na primeira infância.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às crianças, às famílias, às educadoras de apoio Ester e Mary Rose e aos amigos de rotina diária Raquel, Isabel e Eliton.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Isabel Amando de. *Desemparedamento da infância*: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORN, Maria da Graça de Souza. *Sabores, cores, sons, aromas*: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza*: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Educação infantil*: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

TIRIBA, Léa. *Crianças, natureza e educação infantil*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TIRIBA, Léa. *Educação infantil como direito e alegria*: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.